

A RELAÇÃO ENTRE CORPO, EROTISMO E SEXUALIDADE*

The relationship among body, eroticism and sexuality

Elismar Alves dos Santos**

Resumo

O corpo na contemporaneidade, em algumas realidades, é concebido como simples suporte da pessoa. Passa por diversos aprimoramentos, a exemplo de uma matéria-prima, correndo o risco de perder sua identidade pessoal. Por outro lado, a ciência associada à técnica oferece "recursos" para socorrer e reparar o corpo muitas vezes "desfigurado" pelos sinais dos tempos. Para a doutrina cristã, esse corpo "desfigurado" de humanidade é convidado a configurar-se ao Corpo Místico de Cristo. O artigo encontra-se dividido em três partes. Inicialmente, abordou-se o corpo na pós-modernidade. Em seguida, descreveu-se o significado do Corpo de Cristo na configuração corporal da existência humana. E, por último, a relação entre corpo, erotismo e sexualidade.

Palavras-chave: corpo; erotismo; sexualidade.

Abstract

The body in the contemporaneity, in some aspects, is conceived as a simple base for the person. It passes through several enhancements such a raw material in danger of losing its personal identity. On the other hand, the science associated to the technique offers "sources" to help and repair the body, several times, "disfigured" by the ages

* Artigo enviado em 28/03/2010, aprovado para publicação 11/05/2011.

** Licenciado em Filosofia e Teologia. Formado em Psicologia e com mestrado em Psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutorando em Teologia (Teologia da Práxis Cristã – Teologia Moral) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte. É membro do conselho editorial da revista "Ética Hoje" da Universidade Católica de Brasília e bolsista da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais). E-mail: elismar01@yahoo.com.br

sings. For the Christian doctrine, this same body "disfigured" of its humanity is invited to configure itself to the Mystical Body of Christ. This article is divided in three parts. Initially, it approaches the body in post-modernity. Then, describes the meaning of the Body of Christ in the corporal configuration of the human existence. And, finally, the relationship between body, eroticism and sexuality.

Keywords: body; eroticism; sexuality.

O corpo na pós-modernidade

O corpo, nesse início do século XXI, é constantemente editado e alterado. É compreendido muitas vezes, e não sem razão, como "aparência fetichista de pura objetividade nas relações espetaculares" (DEBORD, 1997, p. 20). Por isso, nota-se uma busca desenfreada pela perfeição do corpo. Busca-se nas aparências corporais a justificativa de um corpo belo e sem defeito. David Le Breton evidencia as conseqüências dessa busca pela perfeição da aparência corporal e observa como o corpo tem sido relacionado à estética nas últimas décadas (Cf. LE BRETON, 2008, p. 14-15). Assim, acertadamente define: "as qualidades do homem são deduzidas da feição do rosto ou das formas do corpo. O corpo torna-se descrição da pessoa, testemunha de defesa usual daquele que encarna" (LE BRETON, 2006, p. 17). Noutras palavras:

A beleza ganhou bruscamente em consistência e em imediatidade. Nos dias atuais percebe-se uma acentuada persistência em encontrar um corpo 'perfeito'. Uma dupla tensão, para dizer a verdade, atravessa o investimento no corpo, da Renascença às Luzes, esboçando as primícias das visões de hoje: uma acentuação das imposições coletivas, uma acentuação da libertação individual (GÉLIS, 2008, p. 17).

O corpo, portanto, torna-se o lugar em que a pessoa expressa sua singularidade e alteridade. O corpo é "expressão dos sentimentos". Na dimensão da sexualidade vem despontando-se ao longo dos séculos como realidade paradoxal. "O corpo aparece como o agente (ou a vítima) de atos sexuais transgressivos e, portanto, como lugar privilegiado de 'crimes' contra a religião, a moral e a sociedade" (MATTHIEWS-GRIECO, 2008, p. 217). Corpo e sexualidade caminham juntos. Observa-se, entretanto, que a sexualidade, em todas as culturas, é concebida como realidade especial: "[...] a sexualidade foi sempre percebida como algo 'especial' e sempre foi coberta (diríamos com 'pudor') de sacralidade e de ritos" (PAMPALONI, 2005, p. 228).

Ainda sobre o corpo: "ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo no qual a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator" (LE BRETON, 2006, p. 7). Na pós-modernidade, o corpo tornou-se objeto e mercadoria de consumo. "Hoje, assistimos à consideração, com todas as letras, da metáfora que leva a fazer do corpo humano um material disponível" (LEBRETON, 1992, p. 90). Se, por um lado, cresce de forma positiva as novas descobertas científicas em favor do corpo humano, sobretudo na área da biologia, por outro lado, "quanto mais o corpo perde o valor moral, mais cresce o valor técnico e mercadológico" (LE BRETON, 1992, p. 90). O corpo humano na lógica do mercado pode, até ser traficado, como por exemplo, no tráfico de órgãos para países ricos. Inclusive cresce consideravelmente a discussão polêmica sobre a "barriga de aluguel", a procura de embriões congelados, manipulação genética (LE BRETON, 1992, p. 90) e tantos outros procedimentos que envolvem a temática do corpo.

No discurso científico contemporâneo, o corpo é pensado como uma matéria indiferente, simples suporte da pessoa. Ontologicamente distinto do sujeito, torna-se um objeto à disposição sobre o qual agir a fim de melhorá-lo, uma matéria-prima na qual se dilui a identidade pessoal, e não mais uma raiz de identidade do homem (LE BRETON, 2008, p. 15).

A pessoa pode pensar que tem um corpo, mas esquece-se que é corpo. O filósofo francês Merleau-Ponty resume bem essa ideia, ao dizer: "mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou corpo" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 207-208). Entretanto, quem pode "salvar" o corpo? A biotecnologia responde com as curas "milagrosas" para conter a fragilidade humana; a teologia cristã responde dizendo que Deus acolhe a fragilidade do corpo humano. O corpo passa a ser totalmente "moldável" e "cultuado", perdendo sua vitalidade biológica, para assumir uma realidade manipulável, um "corpo sem carne". Não se pensa mais o corpo como expressão do envelhecimento, da limitação e da mortalidade. A filosofia moderna diz que o "ser-para-a-morte" se expressa visivelmente na decadência do corpo.

Tem havido, por isso, um projeto de recuperação da mortalidade do corpo. Daí surgem pelo menos dois questionamentos: está havendo uma rejeição da fragilidade do corpo e/ou uma obstinação pelo corpo perfeito? Por outro lado, existem pontos positivos: a vitória da medicina sobre o corpo enfermo. Mas, faz-se necessário evitar reducionismos: o corpo não é apenas realidade biológica e nem puramente realidade espiritual. Quem vai "salvar" o corpo? As novas tecnologias ou Deus?

Por meio do corpo² o homem está em conexão com o conjunto total da realidade material, imerso de forma direta no contínuo devir e perecer da natureza. Mas o homem corporal não é somente um objeto contingente no mundo, um ser animado que do mesmo modo poderia faltar, sem que o corpo perdesse por isso algo substancial. Pois conforme o testemunho bíblico, a criação do homem constitui o coroamento ôntico do cosmo: no homem concentra-se seu sentido, nele manifesta-se seu verdadeiro significado. O homem é a meta concreta, a autêntica finalidade e a cabeça fundamental do cosmo e todo o mundo material forma-se num sentido amplo seu corpo.

A pessoa através da *corporalidade* é o meio e a expressão das relações inter-humanas. Só no corpo os homens se fazem presentes e palpáveis para os outros homens; somente com homens corporalmente presentes é possível se entrar em diálogo. Uma vez que o ser humano vive num corpo não pode prescindir, quer queira ou não, do encontro e da comunhão com os outros. O ser humano não pode existir sem estar no meio dos outros, com os outros e para os outros. Porém, a personalidade há de ser completada dialeticamente com outra estrutura: a comunitária. A existência humana através da realidade corporal é matizada como um "*ser com*", um "*existir com*" (VIDAL, 1974, p. 151). A pessoa leva em si uma estrutura traduzida essencialmente pelo caráter relacional com o outro eu.

É no corpo, então, que a pessoa torna-se herdeira de gerações passadas e, ao mesmo tempo progenitora que traz em si o germen de uma possível vida futura. Essa comunicação corpórea de gerações alcança sua maior plenitude na união amorosa dos sexos: porque é nessa união que o homem e a mulher sentem-se seus corpos como seus, e por sua vez, com mais força se rompe à experiência da imanência e da autonomia humana; cria-se então, a mais profunda comunidade. No corpo brota a entrega e a possibilidade de uma ulterior história humana. Assim, esse corpo ora desfigurado de humanidade, ora exaltado em nome da estética, está sendo convidado a configurar-se ao corpo de Cristo.

O corpo de Cristo

Na concepção bíblica mais antiga, o "corpo" é a unidade constitutiva do ser humano e a expressão na qual se manifesta. O corpo, como estrutura que constitui fundamentalmente o ser humano, é obra prima da criação divina (Cf. CORREIA, 2005, p. 10). Na Cristologia de Teodoro de Mopsuéstia³, por exemplo, os cristãos são

² Cf. VIDAL, 2000, pp. 300-302.

³ Cf. SPANNEUT, 2002, p. 98. Teodoro de Mopsuéstia (350-428) foi Bispo de Mopsuéstia entre 392 e 428. É o mais conhecido representante da Escola Antioquena de Hermenêutica. Realizou vários comentários exegéticos, com rigor científico (método histórico e filológico). Possui 16 Homilias Catequéticas recuperadas em 1932. Uma sobre o Símbolo Niceno e destinadas aos catecúmenos e

associados ao mistério de Cristo, como batizados, recebem a adoção filial e são incorporados em figura ao Corpo de Cristo. Enquanto corpo de Cristo, ligado ao Cristo Cabeça, os batizados caminham na fé e na esperança de receberem a plenitude dos bens celestes no tempo fixado. Como o Corpo de Jesus foi plenificado pela ressurreição, também os batizados esperam que seus corpos se plenifiquem na ressurreição (Cf. McLEOD, 2005, p. 75).

O dado Bíblico da Encarnação tem profundo impacto na constituição corpórea do ser humano. Deus, considerado no aspecto teológico-antropológico, manifesta-se em um corpo feito de carne. "A carne é central na doutrina cristã da salvação, pois a encarnação é um mistério que tem a ver com a nossa salvação" (PIXLEY, 2001, p. 79). Ou ainda: "o corpo de Cristo está no centro da mensagem cristã, e o cristianismo é a única religião na qual Deus se inscreveu na história tomando forma humana: a religião do Deus encarnado" (GÉLIS, 2008, p. 23).

Paulo, em 1Cor 15,35-44⁴ recorda a sobrevivência após a morte ligada à ressurreição do corpo. Para ele torna-se impensável a vida sem a ressurreição do corpo, pois o corpo não pode se separar do "eu" humano (Cf. FERREIRA, 2008, p. 56). Xavier Lacroix apresenta de forma sucinta a dimensão do corpo como realidade espiritual, focando a teologia paulina e explicitando brevemente a compreensão de Teodoro de Mopsuéstia e Gregório Nazianzeno sobre os "nascimentos sucessivos do corpo".

O único corpo atualmente espiritual é o do ressuscitado. Certamente recebemos os penhores do Espírito (2 Cor 1,22; 5,5), o homem interior se renova dia-a-dia (2 Cor 4, 16), mas só seremos soma *pneumatikon* quando todo nosso ser for renovado. O corpo está em gênese, em via-a-ser. São os "nascimentos sucessivos" do corpo do homem, tais como descrevem Teodoro de Mopsuéstia, Gregório Nazianzeno e outros Padres gregos: a vinda ao mundo, primeiro Nascimento; o batismo, segundo Nascimento; a ressurreição, terceiro Nascimento. O corpo é então: 1) corpo recebido e inacabado;

outras versam sobre o Pai Nosso, o Batismo e a Eucaristia. No que se refere à Cristologia, a obra mais importante de Teodoro chama-se "De *Incarnatione*". Toda a teologia de Teodoro gira ao redor deste escrito sobre as duas naturezas de Cristo.

4 "Mas alguém perguntará: 'como é que os mortos são ressuscitados? Que tipo de corpo eles vão ter?' Seu tolo! Quando você semeia uma semente na terra, ela só brota se morrer. E o que foi semeado é apenas uma semente, talvez um grão de trigo ou outra semente qualquer e não o corpo já formado da planta que vai crescer. Deus dá a essa semente o corpo que ele quer dá a cada semente um corpo próprio. Se a carne dos seres vivos não é toda do mesmo tipo. Os seres humanos têm um tipo de carne; os animais, outro; os pássaros, outro; e os peixes, ainda outro. Há também corpos do céu e corpos da terra. Existe um tipo de beleza que pertence aos corpos celestes, e há outro que pertence aos corpos terrestres. O sol tem o seu próprio brilho; a lua, outro brilho; e as estrelas têm diferentes tipos de brilho. Pois será assim quando os mortos ressuscitarem. Quando o corpo é sepultado, é um corpo mortal; mas, quando for ressuscitado, será imortal. Quando ele é sepultado, é feio e fraco; mas quando for ressuscitado, será bonito e forte. Quando é sepultado, é um corpo material; mas, quando for ressuscitado, será um corpo espiritual. É claro que, existe um corpo material, então tem de haver também um corpo espiritual" (1Cor 15, 35-44).

2) corpo de sacramento; 3) corpo de ressurreição escatológica (LACROIX, 2009, p. 161).

Para tanto, será necessário caminhar na fé e na esperança, mantendo-se fiel ao compromisso com a vida de batizados. Tendo recebido o novo nascimento, mesmo que em figura, é preciso viver como tal, na esperança pela consumação. Na *mistagogia* do autor patrístico, depois do batismo, o crente está apto para se aproximar também da mesa do Senhor⁵. A Eucaristia, segundo Teodoro de Mopsuéstia, “dará imortalidade a vossos corpos e imortalidade a vossas almas”⁶.

Por conseguinte, a Eucaristia constitui-se o alimento digno dessa nova vida que sustenta o batizado rumo ao seu futuro: participar plenamente da Ressurreição com Cristo. Tendo delineado os aspectos positivos e negativos acerca do “corpo na pós-modernidade” e, posteriormente, o significado bíblico do “corpo de Cristo” que afeta a realidade corporal do ser humano, refletiremos agora a discussão da terceira parte do texto: corpo, erotismo e sexualidade.

Corpo, erotismo e sexualidade

O filósofo francês Gilles Lipovetsky identifica “três eras da moral”. Com isso, torna-se possível contextualizar a tríade: corpo, erotismo e sexualidade na terceira fase da moral, classificada como fase “*pós-moralista*”. A primeira corresponde à era *teológica* da moral: “até o começo do século das Luzes, a moral era inseparável dos mandamentos divinos. Era somente através da Bíblia que os homens podiam conhecer a verdadeira moral” (LIPOVETSKY, 2003, p. 24-25). Nessa fase a moral encontra-se ligada a religião. Esse modelo prevaleceu até ao final do século XVII.

A segunda, a “*laica moralista*”, iniciou-se no final do século XVII e perdura até os dias atuais. Porque “a partir do Iluminismo, os modernos buscaram estabelecer as bases de uma moral independente da Igreja. Os princípios morais foram, então, pensados em termos estritamente racionais, universais, eternos – é a ‘moral natural’ – que estariam presentes em todos os homens” (LIPOVETSKY, 2003, p. 25). A razão passa a ser o princípio norteador da “natureza humana”, distanciando-se das confissões teológicas, como sublinharam os filósofos Voltaire e Immanuel Kant.

Lipovetsky defende a hipótese de que “estamos na terceira fase da história da moral, a fase *pós-moralista*, a qual rompe, embora o complementando, o processo de secularização acionado no fim do

⁵ TEODORO DE MOPSUÉSTIA: *Homilias Catequéticas*. Homilia 16.

⁶ TEODORO DE MOPSUÉSTIA: *Homilias Catequéticas* 15.

século XVII e no século XVIII” (LIPOVETSKY, 2003, p. 27). A sociedade “*pós-moralista*” não significa uma sociedade “*pós-moral*”, mas trata-se de uma sociedade que “exalta mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem-estar individual, do que o ideal de abnegação” (LIPOVETSKY, 2003, p. 27). Tendo subjacente os três períodos da moral apresentados pelo filósofo francês, dizemos que na atualidade as discussões envolvendo o significado do “corpo, erotismo e sexualidade” encontram-se na terceira fase da moral: fase *pós-moralista*, ou seja, vinculada à realidade erótica, pois o *erotismo* diz respeito ao aspecto da sexualidade humana no contexto atual.

Em outras palavras, “no campo da sexualidade cada um está livre para fazer o que bem entender, sem que a sociedade possa condená-lo. Nada está errado se há consentimento entre adultos” (LIPOVETSKY, 2003, p. 27). Assim, o erotismo nasce da peculiaridade do impulso sexual no ser humano de possuir um excedente de energia em relação à finalidade estritamente biológica. Aparece no nível sócio-cultural da sexualidade. Afirma-se que a sociedade está erotizada. Essa afirmação, não seria em si negativa. “A questão é quando fazemos tal acento ressaltamos aspectos negativos do erotismo atual” (VIDAL, 1985, p. 498). Entretanto, “o erotismo se apresenta sob o signo da diferença. Uma diferença dramática, violenta, exagerada e misteriosa” (ALBERONI, 1986, p. 9). A diferença dramática, violenta, exagerada e, sobretudo, misteriosa do erotismo encontra-se na percepção distinta dessa realidade pelo universo masculino e feminino: “o erotismo masculino é mais visual, mais genital. O feminino, mais tátil, muscular, auditivo, mais ligado aos odores, à pele, ao contato” (ALBERONI, 1986, p. 10).

Nesse contexto, a situação da sexualidade é explicada por uma série de fatores históricos que contribuíram para a liberalização do erotismo. A erotização da sociedade evoluiu passando ao menos por três etapas: a consideração da sexualidade como problema científico (B. Hellis, S. Freud e os endocrinólogos Hirschfeld e Marañón); a liberação literária do erotismo da repressão social (D.H. Lawrence na Inglaterra e H. Miller nos EUA) e, a explosão erótica provocada pelo cinema, e ampliada pela TV com as suas influências miméticas na sociedade (VIDAL, 1985, p. 498-499). Nessa perspectiva o sexo torna-se fator de atração e de venda. As propagandas lançam ao mercado o selo erótico do corpo humano. Assim, a propaganda se serve de vários métodos para atrair a atenção do telespectador:

O primeiro método consiste em sexualizar o produto para que o contato do objeto com o espectador passe a corrente erótica; o segundo modo consiste em fazer que o espectador realize, ante o objeto, o gesto que desencadeia a corrente erótica; o terceiro modo visa submeter o produto e a pessoa em um banho de erotismo. O erotismo é o gancho que nossa

sociedade de consumo utiliza para seus múltiplos fins (VIDAL, 1985, p. 499).

Na atual conjuntura em detrimento do impulso sexual, nota-se que há uma perda em qualidade, porque se fez da sexualidade uma "sexualidade de consumo" e, como consequência, ocorre perda da qualidade. O exibicionismo desenfreado do corpo atinge a sexualidade, pois banaliza e qualifica-a como realidade descartável.

O erotismo apoia-se, pois, no corpo humano, sente-se atraído pelos múltiplos apelos que o seduzem, mas nunca acerca dele ou o oferece como simples realidade biológica ou instintiva e como mero instrumento de prazer, mas o descobre como portador de mensagem humana, e o apresenta como palavra significativa que convida a comunhão pessoal. Designa-se como erótico, portanto, todo esse mundo de sinais e mediações que, com gestos, imagens e palavras, mobiliza a psicologia para se abrir a esse tipo de amor (AZPITARTE, 2006, p. 138).

O erotismo, como dito, não pode ser concebido como realidade negativa. Pelo contrário: "o autêntico erotismo busca impedir a vulgaridade, o aborrecimento, a rotina, a mera instintividade, criando atmosfera de mistério, encanto, respeito, busca e admiração" (AZPITARTE, 2006, p. 138). Fala-se, então, de um erotismo "positivo" e necessário para a expressão da sexualidade tendo o corpo como mediador. Nessa perspectiva, o corpo "expressa a totalidade da existência. A percepção sexual é relação dialogal entre pessoas. A sexualidade é linguagem de comunicação entre pessoas em sua dimensão mais profunda de intersubjetividade" (VIDAL, 1985, p. 484-485).

Pode-se abordar o tema do erotismo ao menos em três óticas. A primeira refere-se ao "erotismo social". Trata-se do erotismo comercial, no qual o sexo é apresentado como mercadoria, promoção e venda. Seria a "degradação do erotismo" (AZPITARTE, 2006, p. 139). A segunda corresponde ao "erotismo de distração". A sexualidade é tomada como meio para distrair a atenção dos autênticos problemas que não queremos enfrentar. E, por fim, o "erotismo de consumo" alicerçado numa ordem econômica, parecido com o "erotismo social", mas que se distingue exclusivamente pela finalidade consumista.

Portanto, tendo como pressuposto o percurso feito, pode-se pensar numa ética em detrimento da relação à tríade: *corpo, erotismo e sexualidade*. Emerge dessa tríade "a estima pelo outro". Noutras palavras, "a alteridade irrompe, interpelando-me a responder-lhe com o cuidado, com a pré-ocupação e com o des-interesse de mim na entrega pelo seu bem" (RIBEIRO, 2003, p. 25).

Com isso, na relação entre *erotismo, corpo e sexualidade* na ótica fenomenológica de Merleau-Ponty, nota-se que o segundo não é percebido somente como um objeto qualquer, mas existe em sua estrutura interna um mecanismo e uma zona conhecida como “esquema sexual”. No corpo há um esquema corporal sexual, no qual se encontram as zonas erógenas responsáveis pela fisionomia sexual que se expandem por meio dos movimentos e dos gestos do corpo que, possibilita falar da Moral dos gestos carnis: “o corpo visual é submetido por um esquema sexual, estritamente individual, que acentua as zonas erógenas, desenha uma fisionomia sexual e reclama os gestos do corpo, ele mesmo integrado a essa totalidade afetiva” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 216). Daí poder-se falar da relação entre corpo, erotismo e sexualidade, vislumbrando-se uma “Ética dos gestos carnis”.

Conclusão

Primeiramente, abordou-se a problemática do corpo na pós-modernidade. Constatou-se que frente ao discurso científico contemporâneo, o corpo é focado na condição de simples suporte da pessoa, como objeto portador de uma matéria-prima que fragmenta a identidade da mesma. A partir daí, pergunta-se: como fica esta realidade do corpo moldado e fragmentado perante a realidade teológica da incorporação a humanidade de Cristo?

Já num segundo momento falou-se do significado do corpo de Cristo. Cristo, por meio de sua humanidade, acolhe a pessoa humana. A Encarnação tem impactos profundos na constituição corpórea da pessoa. Deus revela-se através do seu Filho num corpo de carne. Esse dado bíblico tem impacto sobre o ser humano, pois o mesmo é convidado a configurar-se a Cristo tendo no batismo e no sacramento da eucaristia os sinais visíveis para essa finalidade, mesmo tratando-se, às vezes, de um corpo desfigurado de humanidade.

E, por último, abordou-se o tema da relação entre corpo, erotismo e sexualidade, explicitando primeiramente os três períodos da história da moral e, sublinhando-se que o erotismo está presente na fase “*pós-moralista*”, a qual se caracteriza pela “exaltação do desejo, a felicidade, o bem-estar individual”. Os temas do corpo, do erotismo e da sexualidade fazem parte desse momento “*pós-moralista*”. Entretanto, o fato de afirmar que a sociedade se encontra “erotizada”, não deve lançar um olhar negativo sobre o erotismo. Falou-se dos três aspectos do erotismo, sublinhando as dimensões negativas, sobretudo, as que contribuem para a “degradação do erotismo”.

Referências bibliográficas

- ALBERONI, F. *O Erotismo: Fantasias e Realidades do Amor e da Sedução*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- AZPITARTE, E. L. *Ética da Sexualidade e do Matrimônio*. São Paulo: Paulus, 2006.
- CORREIA Jr., J. L. A Dimensão do Corpo na Bíblia. *Estudos Bíblicos* 87. Petrópolis Vozes, 2005, pp. 10-23.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERREIRA, J. A. A Corporeidade em *1 Coríntios*: o embate entre as culturas Semítica e Helênica. *Interações - Cultura e Comunidade. Revista de Ciências da Religião da Faculdade Católica de Uberlândia*, v. 3, n.3, 2008, pp. 45-59.
- GÉLIS, J. O corpo, a Igreja e o Sagrado. *História do Corpo*. Volume I. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LE BRETON, D. *A Sociologia do Corpo*. São Paulo: Vozes, 1992.
- LE BRETON, D. *Adeus ao Corpo*. São Paulo: Papirus, 2008.
- LIÉBAERT, J. *Os Padres da Igreja [Séculos I-IV]*. São Paulo: Loyola, 2000.
- LIPOVETSKY, G. *Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.
- MATTHEWS-GRIECO, S. F. Corpo e Sexualidade na Europa do Antigo Regime. *História do Corpo*. Volume I. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MCLEOD, F. *The Roles of Christ's Humanity in Salvation: Insights from Theodore of Mopsuestia*. Washington: The Catholic University of America Press, 2005.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PAMPALONI, M. O Pudor como Pastor do Ser: Reflexão sobre a sexualidade em chave personalística. *Perspectiva Teológica: Belo Horizonte*, n. 102, pp. 225-237, 2005.
- PIXLEY, J. Erotismo e Misticismo: Uma prática de interpretação. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, v. 1, n.38, 2001.
- RIBEIRO Jr., N. O Caráter narrativo da normatividade em Teologia Moral. *Perspectiva Teológica* 35 (2003) 13-38.
- SPANNEUT, M. *Os Padres da Igreja*. [Séculos IV-VIII, volume II]. São Paulo: Loyola, 2002.
- SULLIVAN, F. *The Christology of Theodore of Mopsuestia*. Roma: Pontificiae Universitatis Gregorianae, 1956.
- TEODORO DE MOPSUÉSTIA. *Les Homélies Catéchétiques*. Paris: Migne, 1996.

XAVIER, L. *O Corpo de Carne*. São Paulo: Loyola, 2009.
VIDAL, M. *Como hablar del pecado hoy: Hacia una moral crítica del pecado*. Madrid: Propaganda Popular Católica, 1974.
VIDAL, M. *Moral de Actitudes II: Moral de la Persona, Moral del Amor y de la Sexualidad*. Madrid: Editorial Covarrubias, 1985.
VIDAL, M. *Moral de Atitudes: Moral da Pessoa e Bioética Teológica*. Aparecida: Santuário, 2000.